

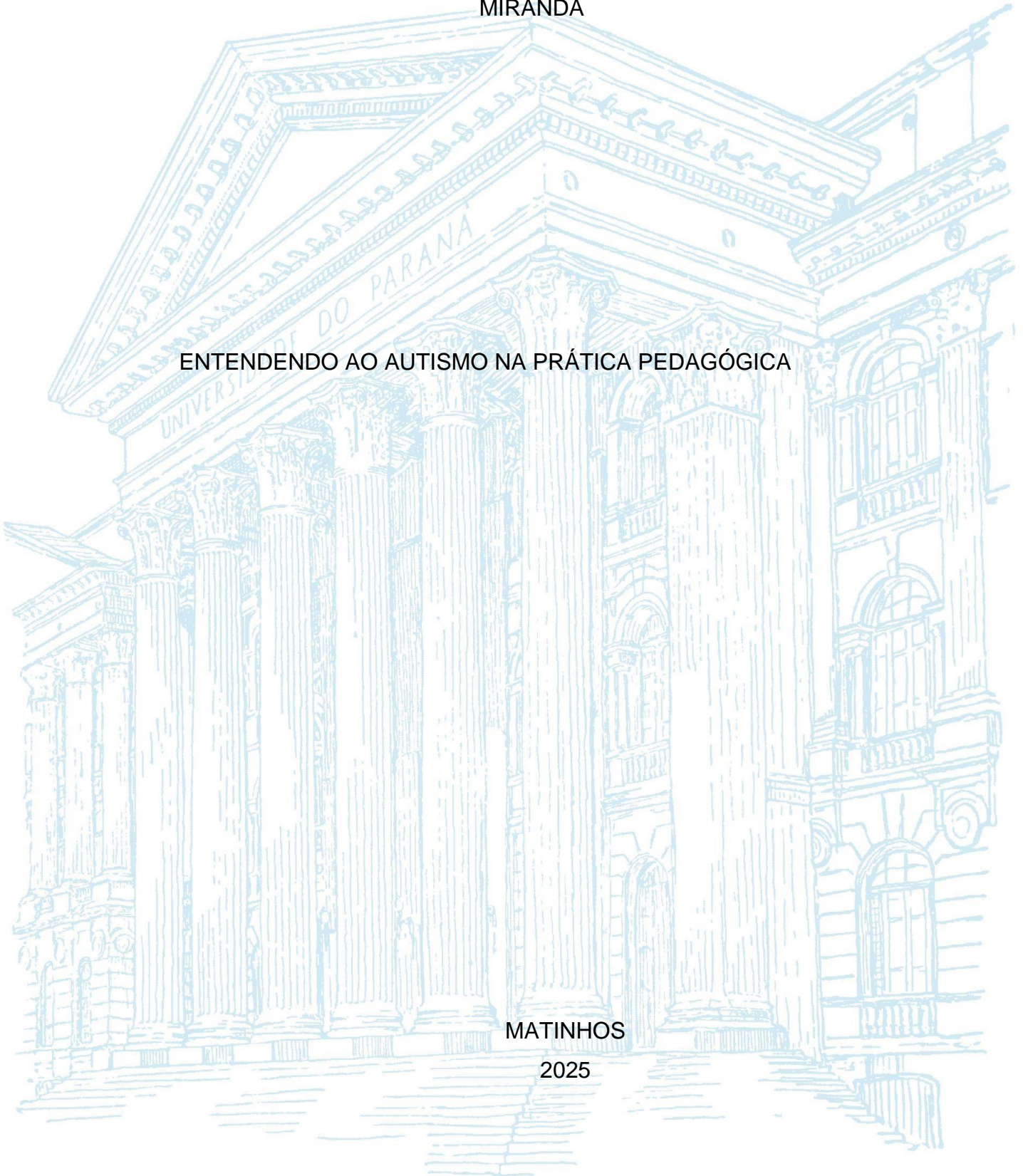
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LETYCIA MARIA DO ROSARIO
MIRANDA

ENTENDENDO AO AUTISMO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

MATINHOS

2025



Letycia Maria do Rosario Miranda

ENTENDENDO O AUTISMO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

TCC apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Carvalho Messa

MATINHOS

2025

A ficha catalográfica é obrigatória para as teses (doutorado e livre docência) e as dissertações (mestrado) defendidas na UFPR, sendo oferecida gratuitamente nas bibliotecas do SiBi/UFPR.

Em obras impressas, a ficha catalográfica deve constar no verso da folha de rosto. Em obras digitais, a ficha deve constar na página após a página de rosto.

Entre em contato com a biblioteca do seu curso para solicitar a ficha catalográfica para sua tese ou dissertação: <http://www.portal.ufpr.br/contato.html>

Caso o autor tenha interesse em divulgar os dados científicos utilizados para a elaboração da sua Dissertação ou Tese, deve acessar a Base de Dados Científicos da Universidade Federal do Paraná (BDC/UFPR), e solicitar a inclusão do endereço (DOI) na Ficha Catalográfica do seu trabalho.

A presença da ficha catalográfica não significa que o trabalho está normalizado. Os bibliotecários que elaboram as fichas catalográficas não são responsáveis por verificar a normalização da tese/dissertação, uma vez que a normalização é de responsabilidade do autor do trabalho. As bibliotecas do SiBi/UFPR oferecem orientação sobre a normalização de trabalhos. Se necessário, consulte a biblioteca do seu curso para obter informações sobre essa orientação.

Em cumprimento à Resolução n. 184, de 29 de setembro de 2017, do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB), a ficha catalográfica deve estar acompanhada do nome e do número de registro profissional do bibliotecário que a elaborou. Portanto, **solicitamos que as informações da ficha não sejam alteradas, inclusive as palavras-chave, que estão padronizados no Sistema de Bibliotecas da UFPR.** Se necessitar de qualquer alteração na ficha, por favor, solicite-a ao bibliotecário.

Outras informações: http://www.portal.ufpr.br/ficha_catalog.html

Mantenha essa página em branco para inclusão da ficha catalográfica após a conclusão do trabalho.

TERMO DE APROVAÇÃO

LETYCIA MARIA DO ROSARIO
MIRANDA

ENTENDENDO O AUTISMO NA
PRÁTICA PEDAGÓGICA

Tese/Dissertação/Monografia/TCC apresentada ao curso de Pós-Graduação em _____, Setor de _____, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor/Mestre/Especialista/Bacharel em _____.

Prof(a). Dr(a)./Msc. _____

Orientador(a) – Departamento _____, INSTITUIÇÃO

Prof(a). Dr(a)./Msc. _____

Departamento _____, INSTITUIÇÃO

Prof(a). Dr(a)./Msc. _____

Departamento _____, INSTITUIÇÃO

Cidade, ___ de _____ de 202_.

Mantenha essa página em branco para inclusão do termo/folha de aprovação assinado e digitalizado

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me sustentado até aqui.

Agradeço a minha mãe Denise Miranda, por lutar todos os dias pelos meus sonhos.

Agradeço ao meu noivo Matheus Henrique por sempre torcer por mim.

Agradeço a minha tia/amiga Franciele Mendonça por me ajudar a compreender o meu tema e dar sentido a ele.

Agradeço aos professores do curso pelos ensinamentos, pelas oportunidades e experiências, em especial ao Professor Dr. Fabio de Carvalho Messa, pelo carinho e profissionalismo no meu acompanhamento, pela orientação e amizade.

Enfim, a todos os meus mestres e colegas que me auxiliaram nesta caminhada.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um relato sobre como uma criança autista pode interagir na escola particular com ajuda de tutores. Mostrando a partir disso, seu comportamento e seu aprendizado nas diversas aulas, visando mostrar a vivência de uma aluna de Educação Física como professor tutor de uma criança com autismo, TDAH e Toddy. Tendo como fundamentação teórica, levantamentos de autores e suas visões sobre o tema.

Palavras-chave: 1; Autismo 2; Educação Física 3; Escola 4; Inclusão.

ABSTRACT

The present work aims to present a report on care and fun in children's recreation, comprising the performance of a Physical Education graduate, through experiences. As a theoretical basis, there are surveys of authors and their conceptions on the topics. From this information gathered, a description of the activities carried out in this environment was made, showing the importance of Physical Education, highlighting the skills and progressions achieved daily.

Keywords: 1; Physical Education 2; Early Childhood Education 3; Recreation 4; Leisure.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1 O DIREITO A EDUCAÇÃO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.....	12
2.2 A INCLUSÃO NA ESCOLA PÚBLICA	12
2.3 A ESCOLA PRIVADA.....	13
2.4 TROCAS POSITIVAS.....	14
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS.....	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	24

1. INTRODUÇÃO

Buscando compreender a atuação de uma aluna de Educação Física em escola particular, é necessário lembrar que o contemplo de um campo escolar, possibilita a realização de atividades adaptadas envolve diversos fatores a serem considerados.

O presente estudo intitula-se de “ENTENDENDO O AUTISMO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA”. E a motivação em pesquisar sobre o assunto se deve por vários motivos, dentre eles é como os professores da rede particular de ensino, conseguem adaptar as atividades para alunos atípicos. Nessa perspectiva, segundo Minetto (2008):

Muitas perguntas precisam ser respondidas para que se organizem estratégias adequadas a essa demanda tão específica. É preciso entender como a inclusão está acontecendo e de que forma podemos melhorar sua efetivação (MINETTO, 2008, p. 17).

É evidente que as atividades precisam ser adaptadas às necessidades individuais dos alunos, incluindo tanto as originalmente propostas quanto as complementares. Para isso, é fundamental que o professor esteja atento às características e peculiaridades de cada aluno, personalizando as respostas e ajustando sua abordagem para proporcionar uma experiência de aprendizado eficaz e inclusiva.

Frente ao exposto, esta pesquisa busca subsídios para responder ao seguinte questionamento “Pela experiência já vivida em escola pública, o problema é a adaptação de atividades diferentes para alunos com autismo que estudam em escolas particulares e que precisam se adaptar com diversos tutores em cada ano.”

A fim de responder essa pergunta, este estudo tem como objetivo geral refletir sobre os esforços de uma licencianda na prática pedagógica com alunos autistas.

Sendo assim, definiram-se os seguintes objetivos específicos:

- Identificar a dificuldade do aluno para a realização de algumas atividades;
- Descrever os momentos de adaptação, desconcentração, interação e

diversão nas aulas de educação física;

- Favorecer a compreensão do aluno autista das atividades adaptadas;
- Discutir as dificuldades surgidas ao executar das atividades.

Para se ter a compreensão do tema proposto, se faz necessário o conhecimento dos assuntos supracitados. Assim, o estudo é realizado por meio de pesquisas bibliográficas e de campo, por meio de um questionário direcionado aos docentes a fim de se elucidar o que está proposto, sendo evidenciado quatro etapas.

Mas como abordar esse assunto sem citar O direito a educação para pessoas com deficiência, A inclusão na escola pública, A escola privada, Trocas positivas e os Exemplos de trocas.

A inclusão na escola pública vem se destacando atualmente, onde a criança com deficiência pode ingressar no meio da sociedade começando na escola, com isso fazendo entender que eles também possuem e lutam por uma igualdade de oportunidades. A Lei que protege as crianças com deficiência ela é bem exposta porém, as escolas não tem ferramentas e qualidades para assegurar as condições necessárias para cada um.

Entretando, na escola privada vale ressaltar que o atendimento para crianças com deficiência é bem mais cuidadoso, levando em consideração o dilema ressaltado por alguns pais que “estou pagando a escola, meu filho precisa ter atendimento especializado” e por essa abordagem cada aluno com necessidade especial entra na escola e possuem um professor tutor para garantir seu aprendizado.

Para entender as trocas positivas, os alunos com TEA só conseguem ter um bom desenvolvimento na escola se puderem ganhar algo em troca, porém, isso depende de cada criança. Por exemplo, o aluno sempre gosta de fazer algo, então cabe ao professor tutor conhecê-lo e saber de suas necessidades que irá conseguir usar isso como uma ferramenta de desenvolvimento, no caso " você ganha se você fazer".

Mas como utilizar as trocas positivas sem antes ressaltar alguns exemplos de trocas, cabe a cada professor entender o aluno com deficiência, alguns utilizam esses exemplos e outro trabalham de forma teórica, isso vale como o aluno irá responder a essa adaptação.

Por fim, apresentam-se as considerações finais e as referências nas quais são listados os documentos que auxiliaram na compreensão do assunto proposto.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O fato de incluir um aluno com autismo nas escolas particulares requer que os pais busquem um ensino de excelência para seu filho, com tutores de experiência com formação na área. No momento em que se tem o primeiro contato com a escola, o tutor busca uma idéia de como fazer a adaptação no social, desenvolvendo amizades. O autista tem a opção de querer conhecer ou não os colegas, como leva um tempo para se adaptar com novas pessoas, ele poderá ser retraído no começo e depois pegar confiança em alguém.

O papel do professor tutor na escola é fazer o autista adquirir confiança nele para poder desenvolver suas atividades. Com o olhar de uma licencianda devidamente instrumentalizada, é possível criar a opção de troca com ele, em que ele consiga atender-se aos ensinamentos e depois ter a liberdade de escolher algo para fazer.

É importante a realização de atividades adaptadas que visam ao desenvolvimento cognitivo do aluno como: fazer trocas, atividades com desenho e cores, jogos de memória e a construção de cartões com as emoções. De acordo com Bueno, 1999, p.162):

Se por um lado, a educação inclusiva exige que o professor do ensino regular adquira formação para fazer frente a uma população que possui características peculiares, por outro, exige que o professor de educação especial amplie suas perspectivas, tradicionalmente centradas nessas características.

Para uma licencianda de EF que trabalha em escola com inclusão, observar um aluno que também possui TOD (Transtorno Opositivo-Desafiador) e TDAH percebe-se como é muito difícil uma atividade segurar a sua atenção, fazendo-o distrair facilmente. Entretanto, as atividades que são adaptadas para os alunos com TEA leva em consideração também momentos de lazer e diversão.

O TOD (Transtorno Opositivo-Desafiador) antes de ser diagnosticado em alguma criança, é observado o comportamento dela em casa, na escola e diante de alguma situações onde não sabe lidar. Existe um humor raivoso/irritante, uma vez que é contrariado, vem com falas agressivas ou até mesmo com agressões físicas, sendo assim uma ação e reação no qual não consegue se controlar. Segundo Côrtes (2021, p.6) “As manifestações do transtorno parecem ser consistentes ao longo do desenvolvimento. Crianças e adolescentes com transtorno de oposição desafiante estão sob risco aumentando para uma série de problemas de adaptação na idade adulta, incluindo comportamento antissocial, problemas de controle de impulsos,

abuso de substâncias, ansiedade e depressão.”

O TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade) ele faz com que a criança não consiga se concentrar nas atividades ou algo que faça ficar parado por muito tempo. Quando o professor tenta passar uma atividade ao qual tenha que prestar atenção, ele fica irritado, incomodado e começa a chorar porque custa muito prestar atenção no que foi proposto, por isso, entra a estratégia de troca com a criança para que possa conseguir realizar as atividades nem que seja por um tempo curto. “Quando se trata de crianças, é na escola que se pode ver a grande influência na determinação de metas de aprendizagem, estabelecidas para cada faixa etária, na tomada de decisões. A maioria das crianças aprende a ler com determinada idade; aquela que não começa a ler com juntamente com as demais pode ser facilmente considerada desviante.” (BRZOZOWSKI, 2010, p.9)

Portanto, segundo Hollerbusch, (2001, p.83) "Professores têm que saber ensinar e, concomitantemente, distrair e divertir, mantendo uma relação positiva com cada aluno, pares de aluno e o grupo" Segundo Serra, (2004, p.14), "Há uma grande diversidade de enfoques que tentam explicar o autismo e provavelmente esta pode ser uma das causas de imprecisão do seu conceito. Há uma alternância entre as explicações de cunho afetivo/social e cognitivo". Além de tentar produzir uma atividade adaptada, o professor que trabalha com o aluno autista deve fazer com que o mesmo adquira confiança nele, pois é onde ele passa metade do seu dia e está longe do ambiente familiar e saber acolher e demonstrar confiança é essencial.

“Desta forma, a Educação Física como componente curricular com base em atividades motoras e pedagógicas, torna-se um meio de promoção de aprendizagem da “criança com deficiência”, inclusive as crianças e os adolescentes autistas, favorecendo o desempenho educacional e motor, relacionando-se com a área psicopedagógica no processo de ensino-aprendizagem, provocando, assim, uma modificação no desenvolvimento cognitivo” (BEZERRA, 2013, p.2). Entretanto, as aulas de EF são essenciais para o desenvolvimento motor da criança, de acordo com Bezerra (2013, p.2):

A Educação Física apresenta o seu interesse básico no movimento humano, mais especificamente se preocupando com o relacionamento o desenvolvimento motor e outras áreas da educação, isto é, o relacionamento do desenvolvimento físico com o mental, social e emocional.

A cada criança que passa por uma avaliação antes de descobrir se é autista, ela passa por vários procedimentos onde o profissional que está avaliando vê inúmeras possibilidades. Dependendo da criança, algumas delas chegamos a pensar se já

nasceu assim ou se em casa tem um aprendizado onde fica assim com o tempo, isso varia do cuidado em casa que cada uma tem, algumas podem começar com um certo “mimo” e depois descobrem o real significado de tanta dificuldade vindo da criança.

2.1 O DIREITO A EDUCAÇÃO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

O direito à educação previsto na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI) destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais pela pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

Quando é discutível o direito a educação das pessoas com deficiência, também é questionável os direitos fundamentais de todos os cidadãos, uma vez que o tema em questão aborda diretamente os direitos sociais previstos na lei.

Partindo desse pressuposto a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, no capítulo V artigo 27, traz em seu parágrafo único:

Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação.

Cabendo ao poder público a responsabilidade de fazer valer não apenas o direito pessoa com deficiência, mas sim de todos.

2.2 A INCLUSÃO NA ESCOLA PÚBLICA

A inclusão na escola pública é uma missão importante, pois não são todas as escolas que possuem um professor de apoio para acompanhar cada criança. Portanto, o professor regente tem que se esforçar em dobro para adaptar uma atividade específica para um aluno de inclusão e dar atenção para os demais alunos, buscando ter uma aula bem sucedida.

A inclusão do TEA na escola regular abrange um amplo espectro de habilidades e necessidades variando de uma criança para outra, algumas tem dificuldade com comunicação e interação social e outras possuem um bom funcionamento intelectual. Essa variação exige uma abordagem individualizada e específica. O ensino regular possui um deficit em relação aos professores tutores, devida a pouca demanda, sendo assim dificultando cada vez mais o ensino para crianças de inclusão. A variação entre alunos com autismo, depende de suas especificidades, nem todo lugar na escola é confortável, como por exemplo, alguns autistas não gostam de barulho e

alguns convivem muito bem se houver, já alguns não conseguem se concentrar com o tanto de informações visuais que contém na sala de aula, fazendo assim se distrair facilmente. Segundo Ambrosim (2024) “A estrutura física e o ambiente escolar podem representar desafios para a inclusão de autistas. Por exemplo, salas de aula barulhentas, superlotadas ou com excesso de estímulos visuais podem ser aversivas e dificultar a concentração e o aprendizado dos alunos autistas. Além disso, a falta de assistência como salas de recursos multifuncionais, materiais adaptados e profissionais de apoio, podem dificultar a inclusão afetiva dos alunos autistas.

A dificuldade de incluir em um ensino regular é bastante perceptível, pois ao invés da criança evoluir ela acaba retrocedendo e ficando cada vez pra trás. Conforme a necessidade de cada criança, os livros são diferentes, a metodologia de ensino é adaptado e alguns realizam atividades inferiores para conseguirem acompanhar a turma. São momentos de tensão em sala de aula, porque a turma está aprendendo sobre uma determinada atividade e o aluno com autismo possui encaminhamentos e atividades diferentes, se sentindo excluído, pois, busca aprender e acompanhar os demais. A escola de ensino regular, não abrange a mesma metodologia de uma escola privada, havendo assim algumas crianças de inclusão passando de ano mesmo sem aprender nada, por mais que busquem melhoria para o aluno a escola acaba se prejudicando pela falta de professor. Para Serra (2010, p.10):

Infelizmente, a demanda da inclusão chega às escolas antes da preparação do professor e a solução tem sido a capacitação do profissional em serviço, através dos programas de formação continuada, contrariando as próprias diretrizes do MEC (MEC 2001).

Os pais que colocam a criança em uma escola de inclusão já tem uma idéia de que nem toda atividade não será fácil a criança aprender. Entretanto, eles buscam uma melhoria dia após dia na criança, entregando laudo de neuro, psicólogos para o professor saber também o grau de dificuldade da criança.

A escola de ensino regular busca um aprendizado de qualidade, para que uma licencianda de Educação Física, consiga perceber dificuldades sobre como incluir um aluno com autismo no meio dos demais alunos.

2.3 A ESCOLA PRIVADA

A escola privada possui uma visão diferente de uma escola de ensino regular, a escola prioriza o acompanhamento do aluno de inclusão desde o momento que ingressa na escola. A partir desse momento o aluno tem contato com novos amigos e

professores, que buscam proporcionar uma boa convivência e uma boa recepção vindo dos colegas de sala.

O começo de uma criança com autismo na escola, lhe será ensinado como ter autonomia quando seus pais não estão perto. A escola privada tem meios de subsidiar o que serão trabalhados com cada criança, se os professores possuem experiência na área, psicólogos ou um professor que ainda está estudando sobre e mesmo assim já sabe lidar com tal. “A prática pedagógica de caráter inclusivo na educação física esbarra em históricas dificuldades que estão relacionadas com o entendimento da sua ação. Enquanto a ação pedagógica estiver centrada no ensino do movimento e o desenvolvimento de sua técnica respaldada por conceitos de “melho/pior” , “certo/errado” e “ganhar/perder”, sempre haverá margem para a exclusão.” (CHAVES, PENNA E FLORES, 2007 p.6). Entretanto, a escola privada possui mais recursos para se incluir um aluno com autismo, apesar de ter um pouco de dificuldades para lidar no começo de inclusão na escola. A aceitação do autista na escola requer que os professores usem estratégias de adaptação. Para Santos, Lopes e Nascimento (2024 p.44):

Desenvolvimento e habilidades sociais e de autogestão: Incluir atividades que visem o desenvolvimento de habilidades sociais, como interação com os colegas, comunicação e resolução de conflitos, é importante para promover a autonomia e a inclusão da criança autista. Além disso, o desenvolvimento de habilidades de autogestão, como autorregulação emocional, organização pessoal e tomada decisões, também contribui para sua depedência.

De acordo com o autor, podemos salientar que a busca pela autonomia de cada criança é importante para que ela consiga realizar atividades, dentro de casa e na escola. A educação inclusiva atende as necessidades de cada aluno, levando em consideração sua limitação e que o ambiente onde a criança estude seja um ambiente de respeito e aprendizado aos demais. Vale ressaltar que, aprendendo a lidar com uma criança autista é possível conhecer suas paixões e seus interesses nas atividades pra aumentar seu engajamento e motivação para o aprendizado.

A educação privada respeita o meio que o aluno com TEA vive e as vivências que ele já trás de casa, onde já ocorreu em que o profissional tente fazer ele se adaptar a um currículo já pronto e não leva em consideração comodidade. Entretanto, valorizar tudo que um autista já aprendeu e enriquecer mais sua habilidades leva tempo de paciência.

2.4 TROCAS POSITIVAS

A criança que possui autismo, tem uma personalidade muito forte, ela tem suas escolhas e com elas ficam muito firmes nas suas decisões. A idéia de trocas positivas é para o aluno entender que se ele fizer tal coisa que seja para o bom desempenho, que trabalhe seu movimento cognitivo, seu aprendizado, ele ganha algo, seja uma estrelinha, um doce ou até um tempo de andar pelo pátio da escola. “A importância da variabilidade na aprendizagem e na seleção de comportamentos adaptativos também se aplica às habilidades sociais, principalmente interpessoal, tanto na manutenção como na mudança práticas sociais.” (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2010, p.108). As trocas positivas tem por meio trabalhar o desempenho de cada criança em sala, cada uma responde de uma forma diferente. Para DELL PRETTE & DEL PRETTE (2010, p.111):

Considerando que uma cultura nunca é monolítica, ou seja, que ela comporta diferentes subculturas, certos comportamentos aceitos e esperados em alguns subgrupos podem ser reprovados em outros e vice-versa.

O poder de escolha que cada criança tem para aceitar algumas idéias de trocas, varia de uma para outra, quando eles dizem não com muita frequência, requer que o professor trabalhe neles uma atividade onde eles gostem de exercer e fazer que eles entendam que cada atividade realizada, ganha um “prêmio” no final. Isso gera em cada criança com TEA uma memória afetiva, desenvolvendo um certo carinho pelo professor e a habilidade de realizar tarefas de uma forma mais tranquila sem que ela fique nervosa ou estressada.

2.5 EXEMPLOS DE TROCAS

O aluno A tem como troca uma “estrelinha”, para ele conseguir ganhar-lá no final do dia, ele teria que fazer tudo de acordo que o professor pede, por exemplo: exemplo não chorar, não fazer birra, não reclamar, não bater. Para chegar nessa conclusão de dar uma estrelinha todos os dias, foi conversado com os pais que se ele conseguisse conquistar no final do dia, em casa ele poderia jogar no tablet ou mexer no celular. Os pais acharam melhor fazer desse modo para conseguirem controlar ele em casa e fazer com aquele faça todas atividades da escola enviadas pelo professor. Então, uma estrelinha inteira ele fica 30 minutos no celular e caso ele ganhe metade ou nenhuma, ele fica sem a possibilidade de jogos em casa, fazendo com 2010 ele se comporte nos dias de aula e em casa.

O aluno B tem como troca um brinquedo chamado “squich”, esse brinquedinho é feito com uma folha em que ele possa fazer algum desenho ou personagem que

gosta, durex e algodão, é como se fosse um brinquedo de anti-stress ao qual ele fica apertando durante alguns minutos do dia. Já para esse aluno, ele tem essa porque é o que ele mais gosta de fazer, isso faz com que ele realize as atividades dentro de sala e se concentre nos professores na hora da explicação. Mas, esse aluno com TEA não tem laudo, ele é educado na escola com tutor porém, não tem a mesma atenção com o aluno A pela falta de laudo. Entretanto, fazer com que ele tenha essa opção de troca, fez o aluno respeitar mais os professores e “testar” menos eles pois, a troca positiva resultou num desempenho perceptível pelos professores e pais.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A etapa desse estudo baseia-se em um método qualitativo, um conjunto de dados, incluindo entrevistas, fotografias, registros e notas.

O trabalho realizado em campo analisará a inclusão de um autista no dia a dia da escola, descrições do local, dificuldades da professora tutora, relatos de equipe do espaço.

Inicialmente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, buscando autores que contribuam para a pesquisa e, também, por ela ser a base de toda investigação.

Pizzani et al. (2012, p. 53) corroboram que a pesquisa bibliográfica “é uma das etapas da investigação científica e — por ser um trabalho minucioso — requer tempo, dedicação e atenção por parte de quem resolve empreendê-la”.

Frente ao exposto dentre os autores que embasou este estudo citam-se SERRA (2004), KOST E CALVE (2023), ARAÚJO (2018), MIRANDA (2019), SANTANNA E GOMES (2020), DEL PRETTE (2010), AMBROSIM (2024), BRZOZOWSKI (2010), CÔRTEZ (2021), ARRUDA (2024) e ALVES E FIORINI (2018).

O universo da pesquisa é composto por 11 professores do Colégio Diocesano Leão XII, como instrumento de coleta de dados optou-se pelo questionário que segundo Gil (1999, p.128) pode ser definido:

como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.

Frente ao exposto, elaborou-se um questionário com quinze questões direcionadas aos docentes. A coleta de dados tem a finalidade de contribuir para a pesquisa, a fim de conhecer o perfil e as expectativas de cada professor.

Como abordagem privilegiou-se a pesquisa quanti-qualitativa. Quantitativa quando buscou-se identificar o perfil dos entrevistados e qualitativa no momento que objetivou conhecer as opiniões dos docentes a respeito do ensino utilizado em sala de aula, conforme Minayo (2004, p. 27), a pesquisa qualitativa

[...] se preocupa em dar respostas a questões particulares, com um nível de realidade que não se pode quantificar. Portanto, a realidade é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante.

A pesquisa é de fundamental importância na vida profissional, por meio dela pode se colher informações necessárias para análise. Esse tipo de pesquisa permite que o indivíduo se expresse de forma livre, respondendo o questionário de forma subjetiva, apresentando o seu ponto de vista e sua concepção sobre o tema estudado.

Assim, o instrumento foi aplicado no Colégio Diocesano Leão XIII no período de 02 de maio de 2024 a 05 de dezembro de 2024 e as perguntas se encontram no Apêndice A. As respostas foram analisadas e interpretadas à luz do referencial teórico.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A amostra está composta por 11 profissionais que atendem ao Colégio Diocesano Leão XIII, o questionário foi composto por 15 perguntas, sendo que no primeiro momento buscou-se identificar o perfil dos entrevistados, que pode ser visualizada na Tabela 1.

TABELA 1 - IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES, CONFORME FAIXA ETÁRIA, ESTADO CIVIL, FILHOS, FORMAÇÃO ACADÊMICA, EXERCÍCIO DA FUNÇÃO E O EXERCÍCIO NA INSTITUIÇÃO

VARIÁVEL	N	%
Faixa Etária (anos)		
• 20 a 24	3	27,27
• 25 a 29	2	18,18
• 30 a 34	1	9,09
• 35 a 39	2	18,18
• 40 a 44	3	27,27
• Acima de 45	0	0
Estado Civil	N	%

• Solteiro (a)	1	9,09
• Casado (a)	8	72,73
• Outros	2	18,18
Filhos		
• Sim	7	63,64
• Não	4	36,36
Formação Acadêmica		
• Pedagogia	7	63,64
• Educação Física	3	27,27
• Inglês	1	9,09
Exercício da Função		
• 1	1	9,09
• 1 a 2	3	27,27
• 3 a 4	3	27,27
• Acima de 5	4	36,36
Exercício na Instituição		
• 1	1	9,09
• 1 a 2	3	27,27
• 3 a 4	4	36,36
• Acima de 5	3	27,27

Fonte: editado pelo autor

Conforme mostra a tabela 1, percebe – se que houve um empate em relação a faixa etária dos participantes, sendo que 27,27% representam a idade entre 20 e 24 anos, como também 40 a 44 anos. Dos entrevistados 72,73% são casados e 63,64% possuem filhos, e 63,64% são formados no curso de Pedagogia, sendo que 36,36% exercem a função a mais de 5 anos e 36,36% exercem as atividades de exercício dentro da Instituição. Pode-se perceber que na Instituição possui uma rotatividade de docentes, sendo que a maioria tem menos de 5 anos de exercício. Pode-se ver que a escola possui bastante professores que começaram a pouco tempo, mas conhecem todo o dinamismo, regras, normas e que se dedicam para fazer o seu melhor para atender aos alunos. Segundo Tijiboy et al. Afirmam que:

“As relações entre os sujeitos com postura cooperativa são do tipo heterárquicas, o que permite uma tomada de decisão em grupo de forma consensual e não imposta de cima para baixo ou de um (s) sobre o (s) outro (s). Estas relações heterárquicas promovem uma consciência social onde estão presentes a tolerância e convivência com as diferenças dos membros do

grupo. Por sua vez, e somente a partir dos elementos acima é que os sujeitos se sentem parte importante e ativa do processo e passam a assumir uma postura de responsabilidade com relação a sua própria aprendizagem e a do grupo como um todo. Assim, surge a colaboração, isto é, as contribuições individuais, a fim de se alcançar os objetivos comuns estabelecidos pelo grupo". (TIJIBOY et al, 1998, p.24).

Os profissionais foram indagados a respeito do trabalho com alunos atípicos, sendo que todos os profissionais responderam sim à pergunta e citaram em sua maioria as seguintes habilidades e deficiências "TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade, TPS (Transtorno do Processamento Sensorial), Síndrome de Down, TOD (Transtorno Opositor Desafiador) Dislexia, Disgrafia, TEA (Transtorno Espectro Autista) e Hiperatividade". Segundo Redig (2019, p. 7)

Por isso, é importante que o AEE, seja no formato de sala de recursos multifuncional, mediação escolar, ensino colaborativo, entre outros, garanta os suportes necessários para uma escolarização adequada, centrada no estudante. Para isso, os professores da Educação Especial em parceria com os demais docentes e profissionais que atendem o aluno com deficiência, devem trabalhar colaborativamente para o desenvolvimento das potencialidades do sujeito.

Outra questão perguntada foi em relação as dificuldades encontradas em sala de aula com esse alunado, no qual opinaram da seguinte maneira:

"A dificuldade, as vezes é em família aceitar que o aluno possui essa deficiência ou transtorno, para possamos juntos, ajuda-los. E também da necessidade da professora de apoio, das tutoras terem mais experiências e estudos sobre cada transtorno". (Respondente A)

"A maior dificuldade é incluir esse aluno nas atividades. Geralmente é necessário realizar a adaptação de material do aluno, e conseguir conciliar a turma, essa adaptação pode se tornar desgastante para o professor". (Respondente B)

"Em quadra eles se dispersam muito, a não ser que seja atividade que eles gostam". (Respondente H)

"Incluir o aluno, geralmente como fica para o professor esse trabalho, ele acaba ficando exaustiva e deixando um pouco de lado". (Respondente I)

“Quem fica no cuidado são os profs tutores, só adapto as atividades”. (Respondente J)

Conforme Redig (2018, p. 8) ela afirma que:

Para isso, é preciso entender as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos docentes para compreender o aprendizado desses educandos e assim construir estratégias diferenciadas de ensino.

A seguinte pergunta foi a respeito da adaptação das atividades para esses alunos, obtendo a seguintes respostas:

“Com jogos interativos, seja manualmente ou eletronicamente e adaptar o conteúdo para o lúdico. Para uma fácil compreensão do assunto”. (Respondente A)

“Não adapto, incluo com os outros alunos”. (Respondente D)

“Material didático, assim conseguimos estudar e adaptar as atividades propostas”. (Respondente F)

“Com Material lúdico e ajuda do tutor”. (Respondente G)

“Por ser matéria de Ensino Religioso não é necessário”.
(Respondente K)

A adaptação de uma criança atípica dentro de uma escola de inclusão é de suma importância para seu desenvolvimento e bem-estar social.

Os docentes foram questionados a respeito da participação da equipe pedagógica no auxílio dos alunos atípicos na instituição, onde foram observadas nas seguintes respostas:

“Sempre entram em contato com a família. E também temos uma psicóloga que nos auxilia”. (Respondente A)

“O apoio é mais verbal mesmo. Cabe o professor adaptar, incluir, conversar com os terapeutas. O professor é responsável por tudo (no meu caso)”. (Respondente B)

“Não participa muito, só ajudam de forma verbal”. (Respondente D)

“Participam colocando tutor”. (Respondente G)

“Não tem muito apoio”. (Respondente H)

“De forma verbal, pois esse trabalho é do professor”.
(Respondente I)

Conforme Silva e Carneiros (2016), afirma:

Com o aumento de alunos com deficiência nas escolas regulares em sala comum, muitos professores não se sentem preparados para atender academicamente as especificidades que esses alunos apresentam, pois para muitos falta informação sobre as variadas deficiências e síndromes: falta também capacitação profissional, o que pode acarretar entraves para o desenvolvimento de um trabalho acadêmico de qualidade na escola que se diz para todos. (Silva e Carneiro, 2016 p.4)

Outro ponto levantado foi em relação se o profissional acredita na educação inclusiva em sala de aula, onde foram observadas as seguintes respostas:

“Acredito sim, mas há muita coisa a ser melhorada para que realmente haja inclusão em uma sala de aula”. (Respondente B)

“Sem o apoio da escola x família x psicopedagoga x terapia nada funcionará na inclusão”. (Respondente C)

“Sim, porém precisa sempre de um tutor que esteja disposto a fazer com que esse aluno seja incluído e aprender de diferentes formas”. (Respondente D)

“Não, creio que esses deveriam possuir o lugar deles, pois não são valorizados pelas dificuldades deles”. (Respondente E)

“Demais, só basta colocar as atividades correta em prática”.
(Respondente F)

“Às vezes sim, mas precisa ser mais estudada e melhorada”.
(Respondente I)

Vive – se num impasse com a educação, seja ela em qualquer etapa, mas principalmente com a Educação Inclusiva, pois é ela que ajuda a criança a socializar e abrir um caminho na sociedade.

E por fim, foram indagados a respeito do que poderia melhorar na instituição para facilitar o trabalho com alunos especiais, suas opiniões foram as seguintes:

“Primeiramente mais apoio pedagógico da instituição, capacitação para os professores (temos que buscar

individualmente essa capacitação), professores tutores capacitados”. (Respondente B)

“Mais recursos e cursos para formar professores diante as dificuldades”. (Respondente C)

“Creio que contratando mais professores adaptados”. (Respondente G)

“Na escola privada precisa de mais treinamento”. (Respondente J)

“Treinamento e capacitação” (Respondente K)

De acordo com Costa (2010a, p. 531), “A formação dos professores deve abranger o desenvolvimento de sua sensibilidade para que possam refletir sobre a própria prática docente e, assim, planejar de maneira flexível, articulando o ensino às demandas de aprendizagem dos alunos, considerando diversas possibilidades educacionais”.

São vários os fatores que contribuem para os problemas referentes a educação infantil e as escolas, mas o que chama atenção é referente a qualificação dos profissionais, profissionais estes que estão diariamente em salas e acabam não compreendendo o verdadeiro sentido do educar.

E principalmente a falta de um olhar crítico das políticas públicas, para contribuir na resolução dos problemas de estruturas, vagas e profissionais especializados para a realização de um trabalho humano e de referência.

Contudo, que foi apresentado foi possível observar que a Educação Infantil na Educação Especial, não é uma atividade comum, pois o que ocorre é a inclusão de crianças em escolas regulares, não em escolas especializadas, que é o principal problema, por não lidar com a raiz da situação. Em uma escola regular a criança terá o acompanhamento pedagógico, e não um trabalho de desenvolvimento e acompanhamento familiar, pedagógico e clínico.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL,2007, p.3) enfatiza que:

A educação especial passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

Como é verificado, existem leis apenas para a Educação Inclusiva e não para a Educação Especial em específico, como se não existissem escolas especializadas

para atender essas crianças em especial.

As escolas especiais parecem não existir, a Agenda 227, na proposta nº 7 propõe:

“Desenvolver e implementar medidas de enfrentamento à cultura de segregação escolar dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e superdotação/ altas habilidades, com o objetivo de garantir sua inclusão em classes comuns com qualidade e condições de permanência. As ações devem envolver investimento público em formação de professores, recursos de acessibilidade e tecnologia assistiva, profissionais de apoio e oferta de Atendimento Educacional Especializado complementar”.

As propostas e as leis são sempre voltadas para a educação regular, como forma de ser inclusiva, não que não seja o bastante, mas porque não investir em escolas especializadas, que possam dar um melhor suporte para crianças e para suas famílias.

Diferente da educação especial em que se procura soluções para os problemas existentes, na educação inclusiva são encontradas dificuldades, e seu princípio está voltado para a valorização da diversidade, conforme afirma Kunc (1992),

O princípio fundamental da educação inclusiva é a valorização da diversidade e da comunidade humana. Quando a educação inclusiva é totalmente abraçada, nós abandonamos a ideia de que as crianças devem se tornar normais para contribuir para o mundo (KUNC, 1992 apud CÂNDIDO, 2009).

Nesse sentido ambas concordam, o principal é o bem-estar do aluno, e o cuidado é sempre necessário, não se esquecendo que por mais que existam as deficiências, elas não deixam de ser crianças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa foi indiscutível o quão a Educação é importante para todos, em especial as crianças com deficiência, mas não é de qualquer criança que se adapta adequadamente, as crianças que possuem alguma deficiência ou transtorno exige um pouco mais de atenção, crianças que são tão amadas e carinhosas, crianças essas que precisam de um acompanhamento precoce, desde seu nascimento, mas

para isso, necessita de uma instituição que lhe acolha, para consigo dar os primeiros passos, rumo a uma vida repleta de oportunidades.

Foi visível que muitos anos de história se passaram, houve muitas conquistas, mas também muitos retrocessos. A criança que possui TEA e é incluída na escola, precisa mais de atenção e cuidados específicos, sempre promovendo um ambiente acolhedor e mais leve. Levando em consideração de uma aluna e todas as vivências que eu tive, vale lembrar que a criança com deficiência sempre busca um tutor que possa entendê-lo, mas para isso precisa “simpatizar” com o indivíduo.

O que se pode fazer para resolver essa questão? Esta pesquisa está voltada somente para uma cidade, uma escola, uma pequena parte do todo, a solução mais simples seria o tutor buscar um certo hiperfoco para a criança, sendo ele ou algo que possa utilizar como troca, mas como se faz isso? Será se o professor tem o direcionamento certo para isso ou buscar mais aprendizado sobre?

Infelizmente para alguns não é uma tarefa fácil, algumas instituições não dão treinamentos, capacitações ou até cursos complementares sobre o aluno com deficiência, onde fica por conta do próprio professor correr atrás de seus estudos. Como foi visto neste trabalho, essa etapa é significativa para entender na prática uma criança com TEA, me ajudou a desfrutar de como elas precisam de qualidade de vida, atendimento especializado e atividades voltadas para seu bom desempenho cognitivo e motor, e sem dizer que a família pode confiar em que seu filho está em uma boa escola.

Uma possível resposta ao questionamento, seria sem dúvida investimentos direcionados a educação especial, que proporcionariam mais escolas, mais profissionais tanto na área pedagógica, como clínica, cursos de capacitação entre outras e que assim sanariam os problemas com a falta de vagas.

Mas o que realmente falta para esse problema acabar são Políticas Públicas presentes, que estejam fazendo sua parte e não fingindo, que aprovelem leis que façam jus, e escolas especializadas em vários municípios, que possam atender a toda a população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. [LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015.](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm) Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm> Acesso em: 03 de jun. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social, teoria, método e criatividade**. 24. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

MINETTO, Maria de Fátima. **Currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio**. Curitiba: IBPEX, 2008.

PIZZANI, Luciana; SILVA, Rosemary Cristina da; BELLO, Suzelei Faria Bello; INNOCENTINI, Maria Cristina Piumbato. **A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento**. Rev. Dig. Bibl. Ci. Inf., Campinas, v.10, n.1, p.53-66, jul./dez. 2012.

SILVA, S. S. da; CARNEIRO, R. U. C. Inclusão escolar de alunos público-alvo da educação especial: como se dá o trabalho pedagógico do professor no ensino fundamental I?. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 11, n. esp2, p. 935–955, 2016. DOI: 10.21723/riaee.v11.esp2.p935-955.

TIJIBOY, Ana Vilma; MAÇADA, Débora Laurindo; SANTAROSA, Lucila Maria Costa; FAGUNDES, Léa da Cruz. **Aprendizagem cooperativa em ambientes telemáticos**. Informática na Educação: Teoria & Prática, v. 1, n. 2, jul./dez. 1998.

COSTA, V. A. da. **Inclusão de alunos com deficiência: experiências docentes na escola pública**. Revista Debates em Educação. Maceió, v. 3, n. 5, p. 49-62 jan./jun. 2011.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Diretrizes Nacionais para a educação especial na educação básica**. Brasília: MEC; SEESP, 2001. Disponível em. Acesso em: 10 out. 2022.

CÂNDIDO, Moreno Patrícia. **As dificuldades da Escola Perante a Inclusão Escolar**. 2009. Disponível em <<http://www.pedagogia.com.br/artigos>> Acesso em 07 de nov. 2022.